



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Cleane da Silva

DESMOTIVAÇÃO ESCOLAR ENTRE ESTUDANTES NO ASSENTAMENTO
1º DE MARÇO, SÃO JOÃO DO ARAGUAIA - PA

Marabá – PA
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Cleane da Silva

DESMOTIVAÇÃO ESCOLAR ENTRE ESTUDANTES NO ASSENTAMENTO
1º DE MARÇO, SÃO JOÃO DO ARAGUAIA - PA

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como um dos
requisitos para a obtenção do grau
de Licenciada em Educação do
Campo, na área de Ciências
Agrárias e da Natureza.

Orientador: Prof. Me. Amintas
Lopes da Silva Junior

Marabá – PA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Campus do Taurizinho

S586d Silva, Cleane da
Desmotivação escolar entre estudantes no assentamento
1º de março, São João do Araguaia – PA / Cleane da Silva. —
2021.
31 f. il.

Orientador(a): Amintas Lopes da Silva Junior.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas,
Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena
em Educação do Campo, Marabá, 2021.

1. Educação rural - Condições sociais. 2. Juventude rural –
Pará (PA). 3. Ensino médio. 4. Assentamentos humanos. I. Silva
Junior, Amintas Lopes da, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 370.19346098115



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Cleane da Silva

DESMOTIVAÇÃO ESCOLAR ENTRE ESTUDANTES NO ASSENTAMENTO 1º
DE MARÇO, SÃO JOÃO DO ARAGUAIA - PA

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como um dos
requisitos para a obtenção do grau
de Licenciada em Educação do
Campo, na área de Ciências
Agrárias e da Natureza.

Orientador: Prof. Me. Amintas
Lopes da Silva Junior

Defesa pública em: ___/___/2021.

Conceito: _____

Banca Examinadora

Prof. Me. Amintas Lopes da Silva Junior (Orientador)

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Profa. Dra. Cristiane Vieira da Cunha (Examinadora)

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Profa. Dra. Paola Giraldo-Herrera (Examinadora)

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo em minha vida, pois és perfeito em tudo que faz. Mesmo sendo falha, nunca me abandonastes, sempre me dá forças para continuar e nunca desistir dos meus objetivos e sonhos.

Ao meu querido amigo e orientador professor Amintas Lopes da Silva Junior, pela dedicação, paciência e compreensão que teve comigo, por me fazer acreditar que conseguiria chegar até o final da consolidação deste trabalho, me passando confiança e otimismo, também parabenizá-lo por ser essa pessoa maravilhosa, autêntico e competente no que faz, sempre com suas histórias para nos alegrar.

Aos meus pais Francisco Napoleão da Silva e Maria das Graças da Silva por terem me dado a vida, por seu amor incondicional, por sempre cuidarem de mim, pelas noites mal dormidas quando eu ficava doente, pelos conselhos que, muitas vezes, mesmo não escutando, sempre soube que eram para o meu bem. Sempre me ensinaram o melhor caminho a percorrer e nunca me deixaram desistir dos meus sonhos ou desanimar quando as dificuldades surgiram.

Aos meus filhos, por todo amor, dedico este trabalho, porque é por eles que eu nunca desisto, mesmo enfrentando todas as dificuldades na minha vida, sempre batalhando para poder dar uma vida digna a eles, pois nunca pude contar com o apoio de um pai. Posso afirmar que estou quase conseguindo subir mais um degrau.

Aos meus irmãos que sempre estiveram ao meu lado me dando amor, carinho, atenção e apoio, em especial a Keila Sousa da Silva e Cleina Sousa da Silva, por toda ajuda nas horas de dificuldades e nas dúvidas que surgiam.

Ao Carlos Adriano Pereira Melo que sempre me apoiou e me incentivou em todos os momentos.

A meu sobrinho Lucas Mateus Santos da Silva e minha amiga Glaucia de Nazaré Santos de Sousa que sempre me deram a maior força e permaneceram ao meu lado nos momentos difíceis.

Aos colegas da turma de Ciências Agrárias e da Natureza (CAN) e demais colegas do curso de Licenciatura em Educação do Campo (2015) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA.

Aos demais professores do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Aos professores e educandos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Educar Para Crescer e da Escola do Ensino Médio Teresa Cristina, pelo apoio durante a realização da pesquisa.

Às pessoas da comunidade, que se fizeram presentes em todas as minhas pesquisas de campo e auxiliaram-me no desenvolvimento das minhas atividades.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

SUMÁRIO

RESUMO	7
1. Introdução: a motivação da pesquisa	8
2. Motivação: introduzindo o tema	9
3. Metodologia	13
3.1. <i>Caracterização da área de estudo</i>	14
3.2. <i>Caracterização da escola de ensino médio</i>	16
3.3. <i>Caracterização da escola de ensino fundamental</i>	17
4. Resultados das discussões e discussão dos resultados	19
5. Considerações finais.....	28
6. Referências	30

RESUMO

O presente trabalho resulta de reflexões realizadas a partir de atividades acadêmicas do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, que culminaram em um projeto de pesquisa-ação interdisciplinar desenvolvido durante o IV Estágio Docência, cujo objetivo foi discutir com educandos e egressos das escolas Educar Para Crescer e Tereza Cristina, do PA 1º de Março, as causas e consequências da desmotivação escolar. As atividades descritas foram planejadas por discentes das áreas de Letras e Linguagens (LL), Ciências Humanas e Sociais (CHS) e Ciências Agrárias e da Natureza (CAN), do referido curso, no âmbito do último componente curricular de pesquisa socioeducacional, que tem como eixo central a temática Juventude e Trabalho. Ao longo do estágio docência, materializado através da execução das atividades, foram colhidos os dados apresentados, assim como revisada a literatura mobilizada para analisá-los. Os motivos para a desmotivação escolar apontados pelos participantes foram a precariedade do transporte escolar, a gravidez precoce, relacionamentos seguidos de casamento ainda na adolescência, a oferta do ensino médio na modalidade modular em vez de regular, a relação entre professores e estudantes e o engajamento em distintas modalidades de trabalho. Se observarmos as soluções apontadas pelos participantes da pesquisa para alguns desses problemas, veremos que a maior parte guarda, em alguma medida, relação com pressupostos da Educação do Campo, de forma que é necessário que as atividades em sala de aula estejam relacionadas com a realidade e as experiências das comunidades do campo, contextualizando a prática docente e fazendo a ponte com outros espaços formativos da vida cotidiana, ampliando o alcance da escola.

Palavras-chave: Desmotivação escolar, Juventude e Trabalho, Educação do Campo.

1. Introdução: a motivação da pesquisa

Durante as observações em sala de aula realizadas durante o III Estágio Docência, no âmbito das pesquisas do 6º Tempo Comunidade do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, percebi a desmotivação pela vida escolar entre os jovens e adultos do ensino médio no Assentamento 1º de Março, localizado no município de São João do Araguaia - PA. Essa desmotivação se manifestava de diversas formas, como a dispersão nas aulas, conversas paralelas, não realização das atividades propostas, desinteresse pelos debates em sala, faltas recorrentes, compondo um conjunto que parecia apontar para a ausência de perspectivas dos estudantes quanto ao futuro escolar.

Em decorrência, é comum que os educandos, desmotivados a frequentar a escola e prosseguir com os estudos, não se sintam capazes ou motivados a cursar o nível superior, estando mais sujeitos a desistir do percurso escolar, o que é verificado pelo elevado índice de evasão no ensino médio do município e que encontra eco na comunidade. Tal tendência traz consequências à comunidade como um todo, pois esses jovens, sem frequentar a escola e posteriormente sem formação, ficam ociosos, dedicando-se a trabalhos com baixa remuneração e tornando-se mais vulneráveis ao alcoolismo, às drogas ilícitas e à gravidez precoce, entre outros problemas. Além disso, percebi que entre os estudantes evadidos da escola, poucos continuam a trabalhar com seus pais na lida da roça. Alguns logo formam família e têm que trabalhar, às vezes empregados em chácaras ou mesmo em empresas, para poder obter o sustento familiar. Também tive a impressão que outros “não queriam nada da vida”, para usar expressão comum entre os moradores da vila, passando boa parte do tempo em bares ou mesmo viciados em jogos de internet como *Garena Free Fire* e *Minecraft*, entre outros. Ao me deparar com esse quadro, resolvi desenvolver uma pesquisa que me permitisse entendê-lo melhor.

Desta forma, o presente artigo resulta de uma reflexão realizada a partir de atividades do IV Estágio Docência, desenvolvido durante o 7º Tempo Comunidade do curso anteriormente mencionado, que teve como objetivo construir um projeto de pesquisa-ação interdisciplinar para identificar as causas e consequências da desmotivação que acomete estudantes do campo.

A pesquisa foi realizada junto a jovens estudantes do ensino fundamental e médio das escolas Educar Para Crescer e Tereza Cristina, além de moradores da comunidade, entre egressos e desistentes do fundamental. Os dados foram coletados e

analisados a partir de atividades desenvolvidas na sede da Associação de Produção e Comercialização dos Produtores Rurais do Assentamento 1º de Março (APROCTRAM), que cedeu o espaço.

2. Motivação: introduzindo o tema

De acordo com Freitas (2009), a falta de investimento na educação faz com que o Brasil não consiga se desenvolver, como argumenta no trecho a seguir:

Quando se pensa sobre o que falta para o Brasil deslançar e se tornar finalmente o “país do futuro”, todos nós brasileiros temos na ponta da língua a resposta: Educação, é claro. Afinal, um país que não investe ou investe pouco em suas escolas só por milagre vai conseguir se tornar uma nação rica e desenvolvida. Esse tipo de pensamento é bastante justificável, uma vez que no mundo moderno a forma por excelência de ascensão dos indivíduos na hierarquia social é pelo conhecimento. Portanto, todas as expectativas são postas na educação de boa qualidade para todos (FREITAS, 2009, p. 281).

Em seguida, a autora aponta para os graves problemas estruturais que afetam drasticamente o funcionamento da maior parte das escolas públicas brasileiras, comprometendo seriamente sua função de promoção da cidadania, ponto que nos interessa porque acredito que a educação formal pode se constituir, para além da forma privilegiada de ascensão social, em uma fonte de conhecimentos para a emancipação das pessoas, sobretudo no campo, onde a ausência do Estado se traduz em negação de direitos talvez só comparável àquela das favelas urbanas. Entretanto, as escolas, espaços de oferta da educação formal por excelência, enfrentam, como reconhece Freitas (2009), vários problemas estruturais que refletem a ausência do Estado, e ainda de concepção, que mesmo diante da existência de escolas, impedem que se tornem efetivamente espaços de emancipação.

Desta forma, é preciso refletir sobre as dificuldades que afligem o cotidiano escolar e que impedem a educação formal de emancipar as pessoas. Algumas dessas dificuldades convergem para um fenômeno recorrente no Brasil: a evasão escolar. Pesquisas mostram que as crianças estão chegando às escolas cada vez mais desmotivadas para os estudos, o que gera a repetência e acarreta, muitas vezes, a evasão. Diversas causas são apontadas para a desmotivação, assim como são sugeridas inúmeras estratégias para enfrentá-la, boa parte delas com foco na atuação docente. Entretanto,

parece haver consenso em que, como aponta Knüppe (2006), deve haver motivação para que ocorra aprendizagem.

Estudos sobre a temática apontam para divergências entre as explicações dadas pelos distintos sujeitos envolvidos de alguma forma no processo de ensino-aprendizagem. A falta de motivação por parte dos estudantes é quase uma unanimidade entre eles próprios, pais e professores, assim como responsabilizá-los pelo baixo desempenho escolar decorrente. Todavia, a família possui um papel central na formação do indivíduo, embora, em alguns casos, pais ou outros responsáveis atribuam unicamente à escola a responsabilidade por essa formação, ou pelo menos superestimem seu papel, considerando-a falha em cumpri-lo. Em todo caso, esquece-se que a motivação não é um problema apenas dos estudantes, mas dos docentes também, que comumente vão trabalhar exaustos (KNÜPPE, 2006) pelos mais diversos motivos que incluem, não raro, dupla ou, às vezes, tripla jornada de trabalho.

Em pesquisa sobre o tema, realizada pela autora supracitada, as professoras entrevistadas, profissionais cobradas na mesma medida em que são desvalorizadas, lembraram que os pais possuem um papel importante enquanto incentivadores das crianças durante seu percurso escolar. Todavia, cabe ressaltar que embora professores e pais sejam imprescindíveis motivadores, os próprios educandos não apresentam apenas motivação que atende às expectativas familiares ou de educadores, o que caracterizaria a motivação extrínseca, mas também podem ser motivados por curiosidade ou desafios, o que define a motivação intrínseca (MARTINELLI; GENARI, 2009).

Segundo Bzuneck (2001, p. 09), “a motivação ou motivo seria aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar o curso”, podendo, portanto, ser fruto de predisposições pessoais, extremamente influenciáveis pelas condições socioeconômicas vivenciadas, ou da busca de aprovação do outro com quem se interage, também, em boa medida, culturalmente determinada. Dessa forma, para que a motivação intrínseca seja despertada, a educação ofertada na escola precisa fazer sentido para os estudantes, o que nos remete ao debate da Educação do Campo.

Conteúdos descontextualizados e distantes da realidade dos estudantes, constituem um problema comum também em escolas urbanas, mas se torna particularmente preocupante em escolas do campo, em decorrência do modelo de educação urbanocêntrico ainda predominante, apesar dos esforços de educadoras e educadores que militam no Movimento da Educação do Campo para superá-lo.

De acordo com Caldart (2012), a Educação do Campo não surgiu como teoria educacional, mas como luta social pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação, feita por eles mesmos e não apenas em seu nome, se constituindo assim em expressão legítima de uma pedagogia do oprimido. Em consonância, não se perde a dimensão da luta localizada pelo acesso à educação, específica de um determinado grupo social, mas que é também a materialidade que permite a consciência coletiva do direito e a compreensão das razões sociais que impedem sua efetivação. Então, não se trata somente de educação em si mesma e muito menos apenas de educação escolar, embora se organize em torno dela, mas refere-se, principalmente, à defesa de lógicas de produção da vida, de modos de vida.

No debate da Educação do Campo, as primeiras questões postas foram práticas e seus desafios atuais seguem sendo práticos, não se resolvendo apenas no plano da disputa teórica, pois para os sujeitos do campo que a disputam, a pedagogia deve ser pensada desde a sua realidade específica, o que não desloca a centralidade da escola como espaço de mediação fundamental à apropriação e produção do conhecimento pelos trabalhadores. Além disso a ausência da escola no campo reflete relações sociais perversas que devem ser combatidas, inclusive através da sua conquista (CALDART, 2012).

Dessa forma, em uma escola do campo, territorializada a partir da luta de sujeitos a quem se busca constantemente desterritorializar, o debate sobre uma educação emancipadora ganha contornos mais nítidos. A oferta precária de educação em localidades rurais cerceia a liberdade de escolha dos indivíduos quando planejam seu futuro, mas, também, contribui para inviabilizar a reforma agrária, uma vez que uma educação que atendesse às especificidades do campo poderia contribuir para assegurar a permanência das pessoas, quando este for o desejo delas. Como já alertava Paulo Freire (2005), o interesse do opressor é enfraquecer os oprimidos, criando e aprofundando cisões entre eles de forma a frear, recorrentemente de forma violenta, toda e qualquer ação que permita a união em torno da luta por mudanças, de maneira que a escola é estratégica para ambos. Em decorrência, além dos desafios colocados a toda e qualquer escola, no âmbito das escolas do campo, a questão da motivação dos estudantes está imersa em um quadro de negação de direitos que torna a análise ainda mais complexa.

De qualquer forma, na cidade ou no campo, a motivação inclui mais do que o estímulo, porque, antes disso, a escola precisa fazer sentido.

Em alguns casos, o mais importante é aprender algo que faça sentido: descobrir, por trás das palavras que se constroem, significados conhecidos e experimentar o domínio de uma nova habilidade, encontrar explicação para um problema relativo a um tema que se deseja compreender etc. A atenção do aluno ou aluna nesses casos se concentra no domínio da tarefa e na satisfação que sua realização supõe (TAPIA; FITA, 2015, p. 19)

Num mundo em que abundam distrações de todo tipo, desde a já antiga televisão até o uso mais recente de redes sociais e plataformas de vídeo e música em telefones móveis e computadores, passando por videogames, a motivação dos estudantes pelas atividades em sala de aula, para não falar no estudo em ambiente doméstico, preocupa cada vez mais os educadores. Segundo professoras entrevistadas em pesquisa realizada por Knüppe (2006), estudantes chegam à escola cada vez mais desmotivados, encantados por brinquedos avançados e videogames que acabam interferindo no aprendizado. Embora esta pareça uma condição típica de espaços urbanos e talvez, em alguma medida, até de sujeitos privilegiados economicamente dada a absurda desigualdade social brasileira, os telefones celulares estão hoje em todo lugar, porque, conjugados à internet, transformaram a comunicação em áreas rurais. Em decorrência, como são dispositivos que permitem o acesso a vídeos, jogos eletrônicos e redes sociais, talvez estejam se tornando um “brinquedo” cada vez mais comum entre crianças e jovens do campo.

Desta forma, nos perguntamos: como manter a motivação dos estudantes em relação a uma escola que dialoga pouco com seus anseios? Enquanto educadora em formação, gostaria de ressaltar que, embora o professor esteja longe de ser o único responsável em motivar os estudantes, com certeza cumpre aí um papel fundamental, porque, apesar de todos os aspectos sociais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, o aprendizado se dá, em boa medida, a partir da “química” estabelecida entre o professor que deixa de ocupar o lugar de sujeito detentor do saber legítimo e o estudante que o reconhece como o outro de uma construção em que pode contribuir tanto quanto, segundo as autoras Santos e Molon (2009). Nesse sentido, elas acreditam

ser necessário uma mudança em toda a estrutura educacional para que o aluno passe a ser Sujeito e Objeto da educação. Nesta nova proposta os papéis sociais de professor e de aluno assumiriam novo caráter numa relação simétrica de partilha e trocas em que o aluno seria ativo, porque aprende melhor quando vivencia, estabelece vínculos e laços (integrando as informações). A pessoa aprende bem quando tem interesse, motivação clara, desenvolve hábitos que facilitam o

processo de aprendizagem e sente prazer no estudo, integrando as dimensões emocional, pessoal e social (SANTOS; MOLON, 2009, p. 174).

Nos dias de hoje, o desafio parece ser maior, porque o uso de celulares ou tablets está cada vez mais comum: pais e mães introduzem os filhos desde pequenos no uso dessas tecnologias, o que acaba reduzindo o interesse das crianças nas atividades escolares. Se por um lado, elas não deixam de frequentar a escola nas séries iniciais porque este é um espaço de socialização com outras crianças e, portanto, apreciado, por outro essa interação pode estar, inclusive, cada vez mais mediada por jogos em dispositivos móveis. Ou seja, os pais podem estar, inadvertidamente, contribuindo para a desmotivação escolar de seus filhos.

3. Metodologia

Os dados elencados e as atividades descritas no presente trabalho foram planejadas no âmbito do Estágio Docência IV, do curso de Licenciatura em Educação do Campo, que tem como eixo central a temática Juventude e Trabalho. O estágio, de caráter interdisciplinar, foi realizado por discentes do referido curso, das áreas de Letras e Linguagens (LL), Ciências Humanas e Sociais (CHS) e Ciências Agrárias e da Natureza (CAN). Realizamos um levantamento bibliográfico sobre a temática da motivação escolar para subsidiar as atividades de pesquisa, assim como acionamos outros referenciais trabalhados ao longo do curso. Um total de doze pessoas participou da pesquisa, entre estudantes do ensino fundamental e médio, além de moradores da comunidade, egressos ou evadidos do ensino fundamental. Três participantes são homens e nove são mulheres, com idades que variam entre 14 e 43 anos.

A intervenção foi dividida em cinco momentos pedagógicos: i) momento coletivo para exibição de vídeo sobre desmotivação escolar, seguida da apresentação da pesquisa e breve explanação sobre a importância do tema e da participação das pessoas nas atividades correlatas; ii) roda de conversa sobre desmotivação escolar, com o objetivo de identificar, entre os participantes, as principais razões desta desmotivação; iii) aplicação de um questionário semiestruturado junto aos participantes; iv) síntese das discussões da roda de conversa e sistematização dos dados coletados por meio do questionário; v) debate com os participantes da pesquisa-intervenção para a construção de possíveis soluções para reduzir a desmotivação escolar e, conseqüentemente, a

evasão. O objetivo das sucessivas atividades foi tentar mostrar aos estudantes e aqueles que podem voltar a sê-lo, que dificuldades existem, mas que eles têm capacidade de superá-las.

Durante a roda de conversa, os participantes foram questionados quanto ao entendimento que possuíam sobre o tema. Na ocasião, cada um expressou sua opinião e alguns participantes apontaram exemplos de situações vivenciadas por eles mesmos ou por colegas de escola.

O questionário semiestruturado foi aplicado junto a todos os participantes da pesquisa. As questões eram abertas e incluíam questionamentos relacionados ao papel dos indivíduos na família, às metodologias de ensino da escola, às expectativas em relação à escola e aos docentes, à relação entre discentes e docentes, à pertinência dos conhecimentos produzidos na escola e ao acesso ao ensino superior. Além disso, foram coletados dados como: idade, naturalidade, ocupação, escolaridade, horário de trabalho e estudo, distância entre casa e escola e meios de locomoção utilizados.

A partir da análise das respostas aos questionários e da síntese da discussão realizada na roda de conversa, foram identificadas as principais razões da desmotivação em debate que contou com a participação de todos os envolvidos nas etapas anteriores. Por fim, foi realizado um debate sobre as principais causas da desmotivação escolar elencadas e que estratégias poderiam ser adotadas para alterar o quadro.

Os dados obtidos na pesquisa foram socializados em feira de ciências realizada na Escola Educar para Crescer junto à comunidade. Na ocasião, uma exposição de cartazes e fotos foi apresentada ao público presente, com a participação de todos os discentes do curso envolvidos na realização da pesquisa.

Por fim, também foram utilizados para enriquecimento deste trabalho, dados colhidos ainda durante o 1º Tempo Comunidade, tendo sido mobilizados os depoimentos de outros sujeitos, registrados através de entrevistas gravadas e transcritas.

3.1. Caracterização da área de estudo

O Assentamento 1º de Março está localizado no município de São João do Araguaia, às margens da Rodovia Transamazônica, à altura do Km 22. O nome faz referência ao dia em que a antiga Fazenda Pastoriza foi ocupada pelo MST, no ano de 1997. Entretanto, o histórico do assentamento remonta ao dia 24 de dezembro de 1996, quando um grupo de famílias chegou em caminhões ao Projeto de Assentamento

Castanhal Araras, vizinho à fazenda supracitada e se alojou no lote de Raimundo Nonato Gomes, cedido por ele para que as famílias pudessem se organizar para a ocupação. Transcorridos dois meses após a virada do ano, no dia 1º de março de 1997, houve uma grande assembleia dos integrantes do Movimento Sem Terra (MST), na qual as famílias decidiram ocupar a fazenda, ação que se deu debaixo de muita chuva, à noite. Muitas famílias desistiram da ocupação por medo, pois ainda não havia se passado um ano desde o Massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido não muito longe dali, como afirma o morador Levi da Conceição:

A ocupação é o seguinte, num tem? Do jeito que eu falei, vinhamos pro Araras, aí fizemos um bosquezinho dentro da mata, aí era debaixo de lona direto, pegando chuva e sol, sofrendo, naquela época, Ave Maria! O povo tinha raiva por causa daquele negócio do massacre, né, do Eldorado, aí ninguém queria ajudar a gente, aí, graças a Deus surgiu um padre, padre Luís, aí ajudou quem tinha criança e até os próprios adultos mesmo. Ele nunca abriu mão da gente, aí mudamos pra dentro desse bosque, fizemos umas barraquinhas de palha mesmo, bem-feitinhas, lá era tipo aqui, uma vilinha, né, que era aonde a gente ficava todo mundo junto. Aí, depois que, de tudo, é, tudo acontecido, aí precisava de vim pra cá logo, aí fizemos logo, aí vieram e fizeram as casas boa pra gente, aí tudo ficou mais sossegado (Levi da Conceição, entrevista concedida em 2015).

Após a desapropriação do imóvel para fins de reforma agrária, foram assentadas na área 346 famílias, todas constando na Relação de Beneficiários (RB) do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Com o passar dos anos, as famílias foram se desfazendo de seus lotes, pois o governo dá a terra, mas não fomenta projetos que deem condições para que as famílias permaneçam nela. Acontece ainda que os assentados tiveram acesso a crédito através do Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF), voltado predominantemente para a compra de gado, criação que muitas famílias não tiveram condições de manter por variados motivos, que incluem desde a falta de assistência técnica à baixa fertilidade do solo sob as pastagens. Desta forma, vendas dos rebanhos ou de parte deles foram muito comuns, assim como as dívidas no banco decorrentes, de maneira que mesmo uma política nacional criada para beneficiar as famílias assentadas acabou se tornando uma provável causa local de abandono da condição camponesa.

Em decorrência das vendas de lotes, hoje apenas 101 famílias entre aquelas originalmente assentadas permanecem no assentamento, um número até razoável, se considerarmos o descaso governamental em relação às populações do campo. Ao todo,

o assentamento conta atualmente com uma população de aproximadamente 4.000 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

3.2. Caracterização da escola de ensino médio

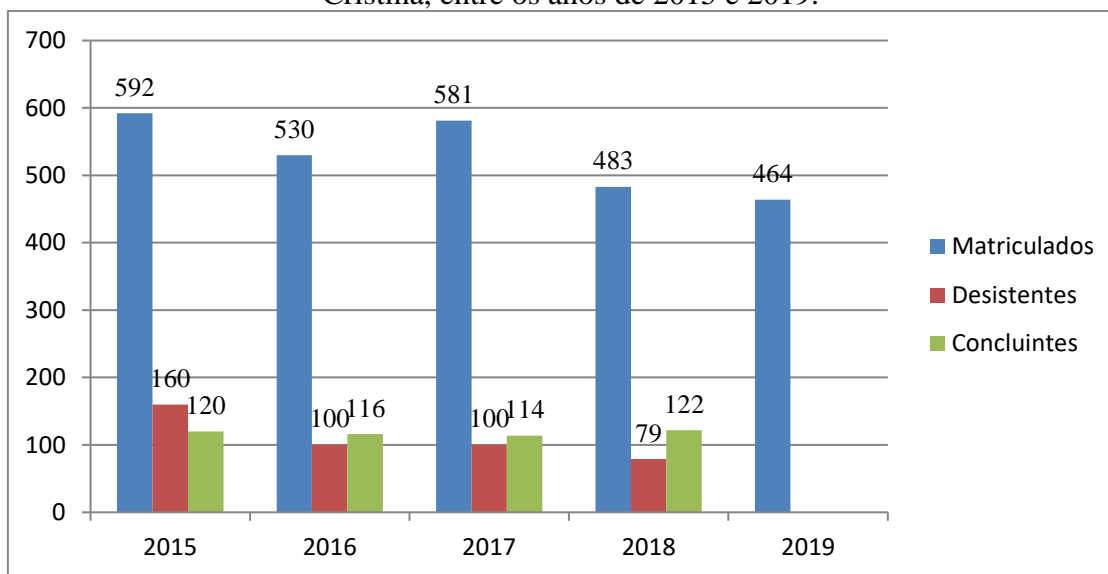
A Escola Estadual de Ensino Médio Tereza Cristina foi assim nomeada em 2006, por determinação da Assembleia Legislativa do Estado do Pará, em homenagem a uma professora bastante atuante no município. A referida unidade escolar tem suas origens ainda em 1971, a partir da criação da Escola Dr. Abel Figueiredo, voltada inicialmente apenas à oferta do ensino fundamental, cujo nome homenageava o político natural de Soure, na Ilha do Marajó, que foi eleito deputado estadual por São João do Araguaia. Em 1999, a escola passou a ofertar também o ensino médio. Em 2005, o ensino fundamental foi municipalizado e a escola dividida em duas unidades, uma municipal e outra estadual, que permaneceram, ambas, respondendo pelo mesmo nome inicial até a referida decisão do legislativo estadual que, no entanto, nunca teve a tramitação do processo administrativo concluída (SILVA, 2018).

Embora a escola esteja localizada na sede do município de São João do Araguaia, a maioria dos estudantes matriculados reside em localidades rurais, o que nos permite compreendê-la como uma escola do campo, em que pese a perspectiva urbanocêntrica de ensino decorrente de sua localização. Se o Movimento da Educação do Campo denuncia desde seu surgimento o ensino descontextualizado e urbanocêntrico ofertado em localidades rurais, na Escola Tereza Cristina, pela sua localização, essa tendência ganha o peso de algo inquestionável. Todavia, de acordo com o Decreto nº 7.352/2010, que constitui a Política Nacional de Educação do Campo, as escolas do campo são compreendidas como aquelas situadas em áreas rurais, conforme definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou aquelas situadas em áreas urbanas, desde que atendam predominantemente a populações do campo (MOLINA; SÁ, 2012), o que é o caso da referida escola, que atende estudantes das vilas Apinagés, Cajazeiras, Diamante, Ubá e Consulta, e dos Assentamentos 21 de Abril, Castanhão Araras, Prata, 1º de Março e Ponta de Pedra (no caso destes dois últimos, em salas cedidas pelas escolas de ensino fundamental dos próprios assentamentos), além do Povoado Bela Vista.¹

¹ No município de São João do Araguaia, somente duas escolas em localidades rurais cedem salas para o ensino médio da Escola Tereza Cristina: no PA 1º de Março, a Escola Educar Para Crescer; e no PA

O índice de evasão na Escola Tereza Cristina, no ano de 2015, foi bastante elevado, alcançando um total de 160 alunos desistentes, diante de 592 alunos matriculados e 120 alunos concluintes. Ao longo dos anos, o número de desistentes tem diminuído, assim como o número de matriculados, reduzido a 464 em 2019, como mostra o gráfico abaixo.

Figura 01: Estudantes matriculados, desistentes e concluintes da E. E. E. M. Tereza Cristina, entre os anos de 2015 e 2019.



Fonte: Secretaria da Escola Tereza Cristina, 2019.

3.3. Caracterização da escola de ensino fundamental

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Educar Para Crescer está localizada na Avenida Che Guevara, na vila do PA 1º de Março. A escola oferta do 1º ao 9º ano do ensino fundamental e da 2ª à 4ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e possui 572 alunos matriculados. A E. M. E. F. Educar Para Crescer serve também de anexo para a E. E. E. M. Tereza Cristina, cedendo três salas de aulas, o que possibilita a oferta do ensino médio na própria comunidade.

Em 2015, a escola iniciou o ano com 240 matrículas realizadas ainda na primeira semana de aulas, efetuando, posteriormente, 469 matrículas, em sua ampla maioria, retardatárias, à exceção de algo em torno de 15% de transferências recebidas.

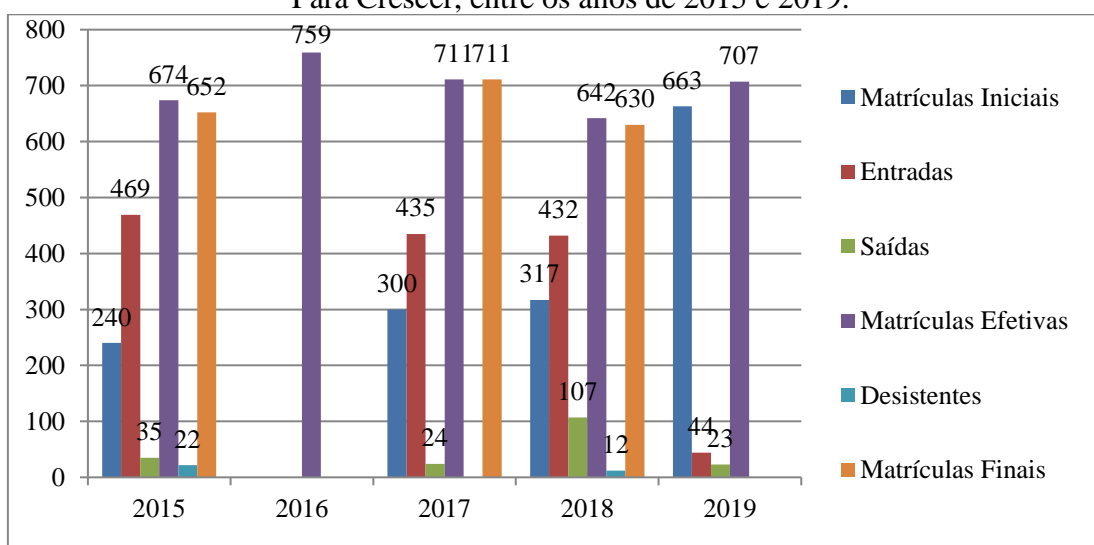
Ponta de Pedra, a Escola Maria Rita. Havia uma escola pronta que chegou a ser inaugurada e começou a ofertar o ensino médio, mas devido a um assalto em suas dependências que resultou em um aluno baleado, o ensino médio retornou para as salas cedidas pela Escola Maria Rita. As instalações da nova escola encontram-se um pouco afastadas da vila, com pouca movimentação no entorno à noite, de forma que se entendeu que os estudantes estavam correndo risco no local.

Ao longo do ano, foram expedidas 35 transferências para outras escolas e 22 estudantes desistiram, de forma que 652 permaneceram cursando até o encerramento do calendário letivo. Em 2016, houve um total de 759 estudantes matriculados, mas não foi possível ter acesso às informações relativas a matrículas iniciais, transferências e desistências.

Em 2017, a escola iniciou o ano com 300 matrículas, mas matriculou ainda outros 435 estudantes, expedindo 24 transferências e chegando ao final do período letivo com 711 matrículas ativas, sem registro de desistências. No ano seguinte, a escola deu início às aulas com 317 matrículas, efetivou posteriormente a matrícula de outros 432 estudantes, expediu 107 transferências e registrou 12 desistências, chegando a um total de 630 matrículas ativas ao final de 2018.

Em 2019, a escola matriculou 633 estudantes no início do ano letivo, com um total de 44 matrículas posteriores, entre retardatárias (28) e transferências recebidas (16). Diante das 23 transferências expedidas para outras unidades, a escola encerrou o primeiro semestre com 681 matrículas ativas. Para esse ano, não disponho dos dados referentes a todo o calendário letivo. O gráfico a seguir ilustra as informações apresentadas.

Figura 02: Estudantes matriculados, desistentes e concluintes da E. M. E. F. Educar Para Crescer, entre os anos de 2015 e 2019.



Fonte: Secretaria da Escola Educar Para Crescer, 2019.

Os pais não matriculam os estudantes na primeira semana, sendo que o considerável ingresso em período posterior à matrícula diz respeito a estudantes que estavam regularmente matriculados no ano anterior e estão apenas sendo remanejados para as séries seguintes. As transferências para outras unidades são de estudantes cujas

famílias chegam à vila com intenção de fixar residência, mas acabam desistindo e retornando aos locais de origem ou partindo para outras localidades. O número de estudantes de outras localidades é, em relação ao total de matrículas, bastante reduzido, mas a escola sempre recebe estudantes de localidades como Vila Landi, além do PA Castanhal Araras e mesmo do PA Ponta de Pedra.

Cabe ressaltar que, provavelmente, há um descompasso entre realidade e dados disponibilizados pelas secretarias das escolas, decorrente de múltiplos fatores que não cabe aqui analisar, tais como a precariedade dos recursos computacionais para registro e armazenamento das informações, a insuficiência e rotatividade do quadro de funcionários que realizam a atualização do registro, além da nada desprezável possibilidade de um desenho de coleta que oculte aspectos prejudiciais à avaliação da gestão municipal da educação.

4. Resultados das discussões e discussão dos resultados

Os motivos para a desmotivação mais recorrentemente apontados foram a precariedade do transporte escolar, a gravidez precoce, relacionamentos seguidos de casamento ainda na adolescência, a oferta do ensino médio na modalidade modular em vez de regular, a relação entre professor e aluno e, finalmente, o trabalho, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 01: Causas da desmotivação escolar apontadas pelos participantes da pesquisa, moradores do Assentamento 1º de Março.

Ordem de recorrência (do mais citado para o menos citado)	Causas da desmotivação	Soluções apontadas pelos estudantes
1º	Transporte escolar	Melhoria das estradas e pontes
2º	Ensino modular	Oferta de ensino regular na Escola Educar Para Crescer
3º	Gravidez e casamento na adolescência	Orientação dos pais e da escola para os adolescentes
4º	Relacionamento entre professor e alunos, dentro e fora da sala de aula	Contratar professores moradores da comunidade, uma vez que já há pessoas formadas que podem ocupar o cargo

		Adequação dos conteúdos à realidade dos estudantes do campo
5º	Trabalho	Adequação das atividades para os estudantes que trabalham o dia todo em serviço pesado Reconhecimento, pelos professores, que os estudantes que trabalham o dia todo em serviço pesado não conseguem participar da mesma forma que os demais

Fonte: Elaborado pelos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo residentes no 1º de Março, no âmbito do Estágio Docência IV e da Pesquisa VII, no ano de 2018.

A maioria dos participantes da intervenção possui algum trabalho ou ocupação, seja em casa ou fora dela: cinco ajudam os pais nos serviços domésticos; três trabalham como diaristas; uma trabalha como babá; uma atua como doméstica; um é assessor parlamentar. Um dos participantes encontra-se desempregado. Dois deles já têm filhos, e a idade dos participantes varia entre 14 e 43 anos.

Os adolescentes que ajudam nos serviços domésticos não entendem como trabalho os afazeres domésticos porque não se trata de trabalho remunerado, de maneira que eles compreendem como trabalho apenas aquele que implique em retorno monetário direto, o que guarda correlação com a formulação de Frigotto (2009), para quem

com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, o trabalho, na sua dimensão ontológica, forma específica da criação do ser social, é reduzido a emprego – uma quantidade de tempo vendida ou trocada por alguma forma de pagamento. Dessa redução ideológica resulta que, no senso comum, a grande maioria das pessoas entenda como *não trabalho* o cuidar da casa, cuidar dos filhos etc. (FRIGOTTO, 2009, p. 176, grifo no original).

Uma das entrevistadas teve que parar com os estudos, pois seus pais mudavam de cidade constantemente, o que acabou comprometendo sua vida escolar. Tal trajetória escolar, marcada por interrupções decorrentes do trânsito intenso e constante de famílias camponesas na região remete novamente à negligência estatal em assegurar direitos. A falta de condições estruturais que permitam a permanência na terra implica em uma itinerância que pode impedir o acesso pleno a outros direitos também, como a educação. Entretanto, a entrevistada garante que, com o incentivo do pai, pretende voltar à sala de aula, ressaltando a importância do estudo para um futuro melhor.

Eu tava fazendo... Eu quase decido, mas eu fui viajar, eu parei, mas eu vou voltar ano que vem... Aí eu tava fazendo a 4ª etapa, pra falar a verdade, aí eu parei. Só que eu tô pensando em voltar, só que às vezes eu pensava muito em parar mesmo, assim, pra não voltar mais, mas também com a influência do meu pai, meu pai toda vez falava: “não você não vai parar, porque você tem que estudar, pra você ter um futuro melhor na frente, pra você conseguir as coisas, né?” Aí eu falei, ah, tá bom então, eu vou voltar a estudar então, ano que vem, aí ele falou que era pra mim voltar e tal, aí foi que eu falei, tá bom. Aí com isso, eu tô pensando muito mesmo em não desistir, né, mas sempre voltar mesmo a estudar (Lucimara, 18 anos, trabalha como babá e não estava estudando no momento da pesquisa, depoimento colhido em 2018).

Segundo os estudantes, o que se poderia fazer para melhorar o acesso à educação inclui medidas como a melhoria de estradas e pontes, pois devido à precariedade das vicinais, os veículos utilizados no transporte escolar apresentam problemas mecânicos com frequência e podem permanecer dias parados à espera de conserto. Essa situação prejudica bastante os estudantes do campo, motivo pelo qual foi o mais mencionado durante as atividades, mas apenas melhorar a infraestrutura de transportes não é o suficiente para contornar o problema, segundo os participantes da pesquisa. A escola também teria que adequar os horários, pois a maioria dos estudantes do ensino médio mora longe da escola, nas vicinais, percorrendo distâncias entre 3 e 14 km para chegar às aulas, o que implica em deslocamentos que podem durar até 40 minutos, em época de condições meteorológicas favoráveis. Ressalte-se que, independentemente do tempo de trajeto, a viagem pode ser muito exaustiva em decorrência das condições ruins da estrada e os estudantes têm ainda que retornar após o término das aulas.

Além disso, alguns estudantes acordam muito cedo para ajudar seus pais na labuta diária. Aqueles que tiram leite, por exemplo, têm que levantar-se entre 3 e 4 horas da madrugada para ajudar os pais, de maneira que, no momento da passagem do atravessador pelo lote da família entre 5 e 6 horas da manhã, a produção diária de leite esteja pronta para a entrega. Quando esses estudantes chegam à escola, já estão exaustos por terem acordado cedo, trabalhado e, no caso de quem mora nas vicinais, se deslocado até a escola. Em decorrência, o cansaço físico acaba comprometendo o aprendizado. É quase consenso entre os participantes da pesquisa que a escola deve considerar a realidade dos estudantes do campo, sem comprometer seus outros afazeres diários, respeitando os distintos tempos de aprendizagem, assim como também os distintos

tempos que organizam a vida camponesa, como preconizado no âmbito da Educação do Campo e evidenciado no próprio Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

Entre tantas questões, tem-se pautado a necessidade de uma proposta pedagógica – de um currículo – em que a escola do campo considere os “tempos” e “saberes” dos sujeitos do campo; que se organize de forma a garantir a presença dos educandos na escola sem que isso seja comprometido e/ou comprometedor de outros “tempos” (tempo do trabalho na roça; tempos religiosos; da estação de chuva; das marés, entre outros tempos) (FECAMPO, 2018, p. 12).

Em consonância, Martins (2008) aponta para a necessidade de a escola assumir uma perspectiva na qual, em vez de sacrificar os tempos educativo-cognoscitivos com atividades extraclasse, as temidas “tarefas de casa”, o ideal seria a ampliação dos tempos escolares, através da incorporação dessas atividades cotidianas dos estudantes na dinâmica escolar e restituindo-lhes o caráter pedagógico.

Para se ter melhor a dimensão das implicações da ausência de uma infraestrutura local eficiente para além do equipamento público escolar, cabe registrar o caso de uma das participantes da pesquisa que teve que cursar a EJA porque o ônibus escolar não atendia à vicinal de sua residência à tarde, em decorrência da inexistência de outros estudantes na faixa etária correspondente ao ensino fundamental à época, quando ela estava na idade para cursá-lo. Como à noite havia estudantes de ensino médio em número suficiente para que administradores públicos não ignorassem a demanda, seus pais optaram por matriculá-la na EJA à noite para que não ficasse sem frequentar a escola.

Eu tô cursando a 4ª etapa, era pra eu tá no nono, só que por conta do transporte, aí eu tive que fazer o EJA e eu ainda, eu não desisti, tô querendo terminar o médio, e por conta do transporte, tive que estudar à noite (Tarsyla, 16 anos, cursava a 4ª etapa à época, depoimento colhido em 2018).

Quanto ao ensino regular na escola, em vez de modular, enquanto a escola não se adequar à realidade de vida desses alunos, o processo de ensino-aprendizagem deles estará seriamente comprometido. O Sistema Modular de Ensino (SOME) funciona distribuído em 54 dias letivos, muito pouco tempo para ministrar aulas que equivalem a quatro trimestres. Além disso, o número de horas diárias de aula pode ser extremamente

reduzido, porque a alta rotatividade dos professores que atuam no sistema acarreta horários vagos recorrentes, o que prejudica muito os estudantes, como ilustra bem o trecho do depoimento a seguir.

Ensino sem ser modular, que a pessoa leva totalmente, e sem for o módulo, porque o módulo é muito difícil, que vem uma matéria, depois vem outra, aí você já esqueceu tudo o que já passou, que seria o ensino regular (Antonia, 19 anos, cursava o 2º ano do ensino médio, trabalhadora doméstica, depoimento colhido em 2018).

Com relação à gravidez, relacionamentos, casamento na adolescência, os participantes da pesquisa disseram que tanto a escola quanto os pais devem orientá-los, contrariando uma visão amplamente disseminada na sociedade de que a escola não é espaço para determinados debates, principalmente aqueles de alguma forma relacionados à educação sexual. Entretanto, o assunto segue tabu mesmo no seio familiar. Além disso, os pais não têm o hábito de acompanhar o percurso escolar dos filhos, à exceção de cobranças pontuais. É difícil saber se os pais aprovariam a oferta de educação sexual como um componente curricular, porque embora a temática tenha sido incluída no currículo que consta no projeto político-pedagógico da escola de ensino médio, não é efetivamente trabalhada, de maneira que qualquer controvérsia estaria relacionada ao fato de ser negligenciada. Esta negligência foi apontada de forma crítica pelos participantes da pesquisa que acreditam que a escola poderia cumprir um papel importante ao se constituir em um espaço para a reflexão sobre questões cujos desdobramentos podem alterar completamente o curso da vida dos estudantes.

No que diz respeito ao relacionamento estabelecido entre professores e estudantes, os participantes teceram várias críticas à atuação docente, todas elas de alguma forma relacionadas ao fato de que os profissionais concursados que têm assumido o magistério nas escolas da vila são predominantemente de fora. Não se trata de xenofobia, mas da constatação, pelos estudantes, de que o ensino é mais adequadamente contextualizado se os professores conhecem bem a realidade em que atuam. Desta forma, os conteúdos precisam fazer sentido (TAPIA; FITA, 2015) e o processo de ensino-aprendizagem deve se constituir em uma relação simétrica de partilha e troca na qual os estudantes assumem protagonismo (SANTOS; MOLON, 2009). Tais objetivos exigem uma postura que foge das relações de poder comumente estabelecidas entre professores e estudantes e torna-se menos viável quando o ensino é pensado a partir de uma ótica urbanocêntrica, em que a escola serve à formação de mão-

de-obra dócil para o capital e, portanto, já insere os estudantes, vistos meramente como futuros competidores no mercado de trabalho, em esquemas hierárquicos dos quais acredita-se que não poderão se emancipar.

Em consonância, durante as atividades, os participantes ressaltaram a necessidade de uma mudança de comportamento por parte dos professores e apontaram, inclusive, para a possibilidade de uma alteração do quadro de professores que atuam na escola como solução para a questão. Já há moradores da comunidade com formação superior na área de educação, alguns especificamente em Educação do Campo, de maneira que estes profissionais poderiam atuar adequando com mais desenvoltura os conteúdos trabalhados em sala de aula à realidade dos estudantes.

Os professores que ministravam aulas pelo SOME ou mesmo no ensino fundamental eram todos, à época da pesquisa, de bairros urbanos, à exceção da professora de língua portuguesa do fundamental, da localidade mesmo, bastante admirada pela afinidade que estabelece com os educandos. Entretanto, cabe destacar que se trata da opinião dos participantes das atividades, que não pode ser generalizada para o conjunto da comunidade, embora pareça indicar para alguns entendimentos bastante difundidos. Além disso, os professores são concursados e a gestão municipal não vai deixar de lotar esses professores nas áreas para colocar pessoas contratadas temporariamente, prática bastante comum há alguns anos, mas que também apresenta aspectos negativos.

Em todo caso, apresento o depoimento de um dos participantes acerca do tema, para ilustrar a discussão realizada durante as atividades. Ele aponta para o fato de que alguns professores são menos dedicados que outros, o que acaba acarretando falta de atenção em relação às dificuldades que os estudantes encontram no percurso escolar.

Muitas vezes, meu ponto de vista, que eu já passei, os alunos, às vezes acaba desistindo da escola que muitas vezes há uma falta de desmotivação, entendeu? Porque, assim, área de professor, só quem tem aquele, aquele amor, entendeu, pelo, pelo que faz, não desmerecendo. Tem muitos professores que ele não tá nem aí não, ele chega aqui na sala de aula, ele vai escrever aí e lê quem souber, entendeu? Escreve quem souber e pronto, mas tem muitos professores que ele tem paixão, quando o professor, ele tem aquela dedicação, então dá mais um incentivo para os alunos, entendeu? Que estão estudando. Então isso hoje eu vejo assim, é muito gratificante ver pessoas daqui de dentro, que não é fácil chegar a uma universidade federal, hoje pra quem estuda em escola pública, isso é o quê? É a pessoa que tem determinação e vontade de chegar no seu objetivo comum, então eu hoje, assim, passei dos trinta anos, já vou fazer

quarenta e uns quebrados, mas eu me sinto necessitado de continuar estudando. Hoje assim, não tenho o 2º ano, mas assim pela prática, é, naquela época que a gente estudava, você, quem tinha a 2ª série, é igualmente ter o 8º, então hoje eu não sou o cara que tenho diploma, mas assim pela habilidade, pelo conhecimento de movimento, que eu participei das coisas, então assim, eu sou um cara que eu não, eu não, é, sou um pouco inteirado nas coisas. Eu tento, eu tento cada vez mais me... estar buscando conhecimentos (Manoel, 43 anos, depoimento colhido em 2018).

A fala acima aponta para o papel do professor como motivador, desempenhado de forma mais adequada se houver dedicação apaixonada, e ainda para a motivação intrínseca dos estudantes, que devidamente estimulados por outros, mas em uma busca pessoal, podem chegar à universidade. Como não há método para se apaixonar e não queremos assumir um discurso meritocrático, voltamos ao ponto: a educação precisa fazer sentido para os sujeitos, ponto inegociável para o Movimento da Educação do Campo. Obviamente, professores das próprias localidades tem uma propensão muito maior para atuar de forma contextualizada, motivo pelo qual a Educação do Campo foi institucionalizada em universidades públicas: formar os sujeitos do campo para atuação enquanto educadores nas escolas do campo. Entretanto, isso não impede professores oriundos de centros urbanos de assumir uma postura mais horizontal e aberta ao diálogo nas escolas.

Infelizmente, a maioria dos professores que trabalham em escolas do campo ainda desconhece a realidade do campo e demonstram recorrentemente, por motivos variados, que não estão muito preocupados com a pertinência dos conteúdos abordados em sala de aula para o cotidiano não escolar dos estudantes, tendência de alguma forma percebida pelos estudantes.

Acho que os professor, né, se os professor tivesse um, alguns deles, não são todos, mas alguns tivesse boa convivência com, é, com os alunos, quisesse ensinar direito e influenciasse as pessoas direito, assim pra dizer, não é colocar, falar a verdade assim, não, você pode, você consegue, você não pode é desistir. É incentivar, é incentivar as pessoas, que tem uns que diz que incentiva, mas na frente ele não incentiva direito. Que tipo tem, eu já estudei com vários, uns por exemplo, um, tinha um que eu tinha, ele falava assim, não, vou passar essa tarefa aqui, mas não explicava direito, aí eu ficava: professor e a explicação? Aí, eu, pra mim, se virar sem explicação. (Lucimara, 18 anos, trabalha como babá, não estava estudando no momento da pesquisa, depoimento colhido em 2018).

Para Freire (2005), o cerne da educação é o diálogo, a partir do qual educador e educandos compartilham conhecimentos. A educação diz respeito, portanto, à troca de experiências e saberes, o que abre caminho para uma participação ativa e crítica, em que o educando passa a ser sujeito, tanto da ação educativa quanto da transformação da realidade que daí decorre. Quando isso acontece, ambos realizam um exercício de liberdade.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo* com as liberdades e não *contra* elas (FREIRE, 2005, p. 79, grifos do autor).

Cabe ressaltar que não se trata de crucificar os educadores atuantes nas escolas da vila. Como dito anteriormente, reconhecemos as aviltantes condições de atuação a que estão corriqueiramente submetidos, que lhes impõem amarras que, às vezes, os impedem de romper com esquemas predominantes.

Há ainda a questão do trabalho que suscitou um posicionamento também compartilhado por todos os participantes, a respeito da necessária adequação das atividades escolares à rotina de trabalho dos estudantes do campo. Para os participantes, os professores devem compreender que os estudantes que trabalham o dia inteiro ou mesmo apenas em parte do dia, em trabalhos manuais bastante extenuantes, não participam de igual modo que os demais. Como já mencionado anteriormente, a escola deve buscar se adequar diante dessa condição, extremamente comum entre os estudantes, procurando estabelecer mudanças nas metodologias de ensino, de forma que se possa mobilizar o trabalho no campo como fonte de aprendizados que podem contribuir com as discussões em sala de aula, gerando novos aprendizados. O cotidiano dos educandos não é vida fácil, pois precisam trabalhar para suprir as próprias necessidades e ajudar a suprir as do conjunto da família, como afirma um dos participantes.

Cursava o 1º ano do ensino médio, aí tive que desistir por causa do meu emprego. Cuido de uma fazenda, não posso deixar só, o proprietário tem medo que o povo malina em alguma coisa, que é o que acontece mesmo. Questão de professores muitos entende, já tive muitos professores que entendiam a parte de porque o aluno não ia,

questão de pontes quebradas ou alguma coisa assim, outros dizem que não tem nada a ver, manda o aluno correr atrás, que é uns dos motivos que deixa a pessoa contrariada também né? [...] A questão de eu voltar a estudar, eu pretendo esse outro ano, conversei com o patrão, o patrão disse que pode, a gente vai ver se termina o ensino médio, né? E questão do serviço, sem, pra sustentar a família sem os estudos, aí é praticamente impossível, porque os serviços grosseiros que tem, a maioria tá sendo substituído por máquinas, aí não tem condição, não tem como prever isso aí (Denilson da Silva Saraiva, 24 anos, trabalhador rural, evadido do ensino médio à época da pesquisa, depoimento colhido em 2019).

Em que pese a possibilidade de um trabalho alienado no depoimento acima, uma parcela considerável dos estudantes do campo trabalha com os pais nos lotes de produção, o que implica em trabalho de rico conteúdo epistemológico, pleno em sentidos, que enriqueceria em muito as aulas ao ser debatido. Todavia, mesmo a realidade vivenciada por um trabalhador rural assalariado permite uma discussão contextualizada de muitos conteúdos abordados na escola, ainda mais quando se tem a possibilidade de contrapor esse trabalho com aquele feito em regime familiar, algo completamente possível em uma localidade rural.

No tocante à motivação, os estudantes do campo que trabalham nos lotes, com certeza, são os mais desmotivados, pois o cansaço físico compromete muito o aproveitamento e se não houver uma compreensão dessa situação pelos educadores, a possibilidade de evasão cresce na medida em que o insucesso escolar passa a ser interpretado como falta de capacidade, algo que não é difícil numa sociedade em que se insiste cada vez mais com o discurso da meritocracia.

Além disso, para as mulheres, há ainda o desafio da maternidade, como o depoimento a seguir demonstra, ao mesmo tempo em que permite entender que os estudantes do campo não estão alheios aos aspectos sociais que influenciam a sua condição e, esperam, como todo bom camponês, a solidariedade que dedicam aos outros.

Todo mundo sabe que eu moro na zona rural e os professores, tem uns que reclama porque a gente leva as crianças, mas tem outros que já entendem, mesmo sabendo que as dificuldades da gente ir pro colégio, quem é mãe de família que mora na zona rural, mas tem uns que entende, tem outros que reclama que a criança... Toda criança faz zoada, aí tem dia que o menino adoce no colégio também, tem dias que a gente passa dias sem ir pro colégio porque a *van* quebra, quando não é uma ponte que quebra, aí não tem como o *vanzeiro* passar e a gente chegar no colégio. Passar, por exemplo, uma semana sem ir, a

gente chega no colégio, a gente não recupera os assuntos que perdeu, porque os professores não entende, eles dizem que não é culpa deles, aí podia entender que também não é culpa nossa também e nós estamos indo pro colégio é pra aprender, pra nós ter um futuro. O que me motiva a estudar é, por exemplo, eu passei cinco anos sem estudar, eu penso assim que se eu tivesse terminado os meus estudos naquele tempo, hoje em dia, talvez eu não tava trabalhando pros outros do jeito que nós tamos aqui e dar um futuro pros meus filhos e principalmente agora que eu tô gestante, vai vir outro menino (Francisca Naiane, 22 anos, cursava o 1º ano do ensino médio à época da pesquisa, depoimento colhido em 2019).

Para Lima e colaboradores (2006), se as aprendizagens em ambiente escolar não vierem minimamente ao encontro das necessidades, conseqüentemente, haverá grandes chances de que os jovens se sintam desinteressados em aprender. Em aprender os conhecimentos veiculados pela escola, acrescentamos, porque seguirão aprendendo em outros espaços nos quais tocam as suas vidas. Como diz o povo, há muito a aprender na escola da vida. Por isso, a escola deve se constituir num espaço onde as relações cotidianas construídas em outros espaços tenham lugar (LIMA et al., 2006).

5. Considerações finais

Para Martinelli e Genari (2009), a literatura que discute a problemática da motivação não é recente, tendo sido frequentemente apontada como uma das principais variáveis que determinam o desempenho escolar. No entanto, ainda para os mesmos autores, poucos estudos oferecem dados empíricos que efetivamente comprovem a relação. Estudos indicam que a motivação intrínseca e a atuação do professor em sala de aula exercem influência considerável na promoção da aprendizagem dos estudantes. Embora a pesquisa aqui apresentada tenha como principal base empírica as discussões realizadas entre um pequeno grupo de estudantes, egressos e desistentes das escolas de um assentamento, o papel dos professores e a determinação e esforço dos próprios estudantes também foram destacados.

Entretanto, outras causas para desmotivação foram destacadas, tais como a precariedade do transporte escolar, a gravidez precoce e relacionamentos seguidos de casamento ainda na adolescência, a oferta do ensino médio na modalidade modular em vez de regular e, finalmente, o trabalho, assalariado ou nos lotes, o que nos leva a acreditar que há uma série de fatores a serem considerados na análise de um fenômeno tão complexo.

Em alguns dos textos consultados e ou mobilizados para a elaboração deste artigo, os autores apresentam soluções simplistas para a motivação, desde aquelas que beiram a ingenuidade até aquelas que evidenciam uma culpabilização dos educadores, porque estes seriam os principais responsáveis por motivar. Tapia e Fita (2015) chegam a elevar a docência ao nível de arte, o que encontra eco no senso comum. A realização de aulas criativas e inovadoras através de atividades lúdicas que despertam a atenção dos estudantes, como, por exemplo, jogos educativos, é amplamente prescrita. Cabe ressaltar que alguns estudos apontam para o uso generalizado de tais estratégias, o que dá a entender que não alteram, necessariamente, o quadro (KNÜPPE, 2006), ou ainda identificam uma adesão reduzida às atividades, quando há a possibilidade de escolha pelos estudantes (OTOBELLI; VAZATA, 2014).

Não se trata de questionar a importância da ludicidade, mas de dizer que, antes disso, os conteúdos abordados precisam fazer sentido para os estudantes, independentemente das estratégias adotadas para abordá-los. Também há uma tendência à proposição de uma estrita observação do comportamento dos estudantes, identificando as dificuldades pessoais de cada um, de forma a subsidiar estratégias individualizadas de motivação (KNÜPPE, 2006; TAPIA; FITA, 2015). Obviamente, o educador deve tentar manter algum nível de atenção individual aos estudantes, mas ao abrir mão de hierarquias comuns nos espaços educacionais, o resultado é a construção de um processo coletivo e horizontal de ensino-aprendizagem.

Lendo Paulo Freire (2005), acredito que a educação serve à opressão ao se instituir como sistema dominador que impõe regras que devem ser repassadas aos indivíduos, que se tornam, então, oprimidos. Se os educadores se sujeitam a esse papel, se tornam opressores que não têm alternativa a não ser operar a educação bancária, que perde, então, o sentido de troca, de comunicação. Ao refletir sobre temáticas que dizem respeito às suas vidas, os estudantes podem se organizar e propor ações que transformem a realidade vivenciada, de forma que a educação se torne libertadora. A pesquisa-ação realizada teve o sentido de criar um espaço com essa finalidade, mesmo que temporário.

Desta forma, é necessário que as atividades em sala de aula estejam relacionadas com a realidade e as experiências das comunidades do campo, contextualizando a prática docente e fazendo a ponte com outros espaços formativos da vida cotidiana, ampliando o alcance da escola. Se observarmos as soluções apontadas pelos participantes da pesquisa para os principais problemas que causam desmotivação,

veremos que a maior parte guarda relação, em alguma medida, com pressupostos da Educação do Campo.

Essa constatação nos remete à contribuição de Tafarel e Molina (2012), quando dizem que a luta dos trabalhadores do campo em defesa de uma educação e política educacional emancipatória para o campo brasileiro sofre revezes, mas segue em curso. Os sujeitos do campo sabem a educação que desejam. A observância de uma escola em estrita consonância com as diretrizes da Educação do Campo já faria uma enorme diferença no sentido de motivar os estudantes do campo.

6. Referências

BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2001. 183 p.

CALDART, R. S. Educação do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. p. 259-267.

FECAMPO. **Projeto Pedagógico do Curso Licenciatura em Educação do Campo**. Marabá: Unifesspa, 2018. 219 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 218 p.

FREITAS, L. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, J. (org.). **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 281-304.

FRIGOTTO, G. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 168-194, 2009.

KNÜPPE, L. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental. **Educar**, n. 27, p. 277-290, 2006.

LIMA, C. M. H.; ZUCCHETTI, D. T.; DARTORA, E. C.; POTTER, M.; HAMMEL, M.; DANELLI, M.; CHRIST, S. R.; ALMEIDA, S. R. Jovens em movimento(s). In: CALDART, R. S.; PALUDO, C.; DOLL, J. (org.). **Como se formam os sujeitos do campo?** Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores. Brasília: Pronera; NEAD, 2006. 160 p.

MARTINELLI, S. C.; GENARI, C. H. M. Relações entre desempenho escolar e orientações motivacionais. **Estudos de Psicologia**, v. 14. n. 1, p. 13-21, 2009.

MARTINS, F. J. Organização do trabalho pedagógico e Educação do Campo. **Educação**, v. 33, n. 1, p. 93-106. 2008.

MOLINA; M. C.; SÁ, L. M. Licenciatura em Educação do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. p. 468-474.

OTOBELLI; E. S.; VAZATA, F. Práticas educativas e (des)motivação dos alunos: análise motivacional realizada no ensino médio. **Scientia Cum Industria**, v. 2, n.2, p. 69-72, 2014.

SANTOS, B. S.; MOLON, K. S. Reflexões sobre a desmotivação dos estudantes em aprender e as dimensões afetiva, reflexiva e técnica no trabalho docente. **Educação Especial**, v. 22, n. 34, p. 165-180, 2009.

SILVA, E. S. A. **Vínculos entre a pesca, a escola e a construção de momentos pedagógicos contextualizados no ensino de biologia**. 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo) – Faculdade de Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2009.

TAPIA, A. J.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2015. 141 p.

TAFAREL, C. Z.; MOLINA, M. C. Política educacional e educação do campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. p. 571-578.